



CATEQUESE CATÓLICA NO BRASIL: PARA UMA HISTÓRIA DA EVANGELIZAÇÃO

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo.
São Paulo: Paulinas, 1992.

Antonio Wardison C. Silva*

Bacharelado em Teologia pelo UNISAL

Mestrando em Filosofia pela PUCSP

E-mail: wardison@hotmail.com

O autor desta obra, Oscar de Figueiredo Lustosa, é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, escritor de várias obras com ênfase à pesquisa histórica da Igreja no Brasil e na América Latina. Por isso, sua formação acadêmica dá pressupostos legítimos para desenvolver a presente abordagem: o desenvolvimento histórico da catequese no contexto eclesial brasileiro. O texto está dividido em cinco capítulos e seu objetivo é percorrer a gênese e a evolução da catequese e da evangelização no Brasil.

O primeiro capítulo apresenta o comprometimento da pastoral no regime colonial, fundamentalmente a evangelização e a catequese no Brasil entre os anos de 1549 e 1759. A catequese acontece em duas dimensões: a *clássica* (de modelo europeu) e a *missionária* (voltada aos índios). Desses dois modelos prevalece a *missionária*, que se tornará um espaço de experiências históricas e originais da luta pela justiça e pela liberdade. Para a mentalidade eclesiástica e européia da época, alguns comportamentos dos índios pareciam imorais. Nesta perspectiva, para os estrangeiros, os índios viviam na poligamia, antropofagia, feitiçaria, guerra, entre outros. Por isso, a catequese será o lugar privilegiado para a educação da fé do índio. Em 1621 a metrópole decide criar o Estado do Maranhão. Essas terras, em que muitos índios viviam, passaram a despertar a atenção dos colonizadores e missionários. No entanto, com a tentativa de evangelização, muitos religiosos (jesuítas, franciscanos, capuchinhos) foram derrotados pelos nativos. A catequese será ministrada pelos missionários numa conjuntura de imposição e coerção. Tal postura é fruto do poderio dos colonizadores europeus, que ditam as normas para a colonização nas terras brasileiras. A catequese, propriamente dita, se realiza pela *memorização* dos mistérios e orações, com a devida doutrinação. Também se transmite o valor das celebrações, das procissões e ritos. Eis os grandes objetivos da catequese para os indígenas: incorporar o indígena à comunidade religiosa e civil; imprimir a pedagogia da exploração; mudar sua mentalidade e costumes e reformar suas normas morais; implantar a cultura de uma nova educação; e conceder aos missionários a administração espiritual e temporal dos indígenas.



O segundo capítulo apresenta a pastoral na crise européia (séc. XVIII), as etapas da catequese clássica no Brasil (1549-1759). No conjunto da ação catequética (dimensão tradicional ou clássica), quer na área propriamente paroquial, quer nas diversas instituições de ensino, está alicerçado e consolidado o tipo de *catecismo-instituição*, que acompanhará, em todas as suas vicissitudes, a pastoral da Igreja no tempo da colônia. Em torno de 1750 a Europa começava a viver a primazia da razão. Com isso se instaurava a secularização do homem, da cultura e de toda sociedade. E como não poderia ser diferente, o clima da secularização atingia toda a religião. Frente esta mudança, a Igreja católica se fecha na sua disciplina e na sua tradição, rompendo o diálogo com o mundo moderno. A catequese no Brasil, no século XVIII, atravessa alguns momentos de fatos significativos, com inspiração nos moldes da *Ilustração*: a) a regulamentação da pastoral com a promulgação dos decretos sinodais na Constituição da arquidiocese da Bahia (1707); a expulsão dos jesuítas do Brasil (1759); a reforma dos *Estudos maiores e menores*, com os reflexos na Doutrina cristã (aulas e manuais).

O terceiro capítulo apresenta a catequese em uma sociedade liberal (séc. XIX). Nesse período da história brasileira, a catequese – organizada em duas colunas – refletirá a imagem de uma Igreja *defensiva: catequese tradicional* (contra os erros modernos e a dominante jurídico-organizacional) e *catequese missionária* (retomada sem liberdade). Essa postura defensiva quer dizer: uma Igreja fechada a tudo que era moderno. Tal postura se implantava na educação da fé com crianças e adultos, principalmente na educação transmitida pelos colégios católicos. A catequese continua nos moldes europeus, por exigência de Roma. A Igreja local segue as orientações do Concílio Plenário Latino-americano de 1899, que prescrevia: *obrigação estrita e rigorosa que pesa sobre os 'pastores' acerca do ensino da religião; a necessidade de uma catequese urbana e rural; como texto guia, seguir o texto 'Catecismo romano' e a 'Doutrina cristã'*. Devido às grandes preocupações administrativas e de governo do Marquês de Pombal, a catequese se desintegra em todas as suas frentes, particularmente em relação à catequese missionária. No segundo reinado, em 1840, a catequese *missionária* sai do recesso e do esquecimento. A política governamental estava conduzida nos moldes inspirados pela ideologia liberalizante. O índio, considerado *selvagem*, teria que ser integrado à sociedade. Diante desta situação, a catequese perdia sua fundamental importância (assim como os missionários), pois assistia o poder civil e os funcionários do governo tomarem as medidas necessárias em referência aos índios. Desde o início do século XX, passa-se a fazer uma distribuição de territórios e de tribos ou nações indígenas para melhor atendimento das ordens religiosas.

O quarto capítulo apresenta a catequese em uma pastoral de cruzada, a Ação Católica (1916-1962). Nesse período, a catequese enfrentava muitas dificuldades no campo pastoral, pois seu método não atingia os objetivos desejados. A Ação Católica surge na tentativa de levar à frente a grande *cruzada* e de *sacralizar* a sociedade moderna, secularizada. Tal era o objetivo do papa Pio XI. Os leigos tornavam-se grandes protagonistas da pastoral católica. A Ação Católica surgia como esperança e mudança para o atual contexto eclesial. Dessa forma, ela irá questionar a eclesiologia, a liturgia, a reflexão sobre a Palavra de Deus e a catequese, a fim de fermentar uma evangelização mais ligada à sociedade. À medida que a Ação Católica se desenvolve, a hierarquia se depara com o sério problema da ignorância religiosa. A partir daí a



catequese assume uma posição prioritária na pastoral da Igreja. O grande objetivo de Pio XI era *cristianizar* toda a formação social. No entanto, nas paróquias, presenciava-se um grande desinteresse pela catequese. Na escola (época do *padroado*), a catequese enfrentava problemas vindos de algumas autoridades civis, em relação à política educacional da Igreja e, outros, fruto da má formação dos professores. A Constituição Federal de 1891 prescrevia: *será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos*. Em 1959, em Belo Horizonte, por ocasião de uma reunião sobre o ensino religioso, surge a necessidade de criação de um *Centro catequético nacional*. Devido ao crítico ensino de catequese nos tempos anteriores, os estudiosos buscam, agora, uma nova metodologia para a catequese. No entanto, ainda que levado a sério os estudos, não surgia muito efeitos no ensino da catequese. Em âmbito nacional e local foram realizados vários encontros de formação destinados à qualificação de professores para o ensino de catequese.

O quinto capítulo apresenta um ciclo novo: rumo à catequese renovada (1962-1983). Em um período de socialismo na Europa e do crescimento da sociedade secularizada, a catequese procura abrir-se ao diálogo e à situação real que vivia o mundo. João XXIII foi o grande protagonista dessa nova face da Igreja, chegando a convocar o Concílio Ecumênico Vaticano II. O papa se voltou, principalmente, à evangelização para a ação evangelizadora da Igreja e para a realidade da América Latina. Outra iniciativa: a Igreja da América Latina realiza a Conferência de Medellín. Depois, vários outros encontros, em âmbito latino-americano, foram realizados a fim de colocar em pauta a situação do continente e do papel da Igreja na sociedade, particularmente Conferência de Puebla. Nos anos 60 o Brasil vive um período de muitas tensões, originados pela sua realidade política e social. Roma e CNBB não mediram esforços para trabalharem na evangelização do país. A catequese estava organizada numa pastoral de conjunto, que exigia a co-responsabilidade do todo o povo crente. Começa aparecer os *Institutos Superiores de Pastoral catequética*, em São Paulo e Rio de Janeiro. A pastoral da Igreja Católica irá se desenvolver por um caminho *pastoral e político*. Mas, com isso, a Igreja terá que enfrentar muitas dificuldades, principalmente em relação à demarcação das terras indígenas e da garantia de seus valores. A crise da catequese se enraizou no dualismo existente na prática do catolicismo: formas de religião popular, de um lado, e formas de religião oficial ou dos clérigos, de outro. A sinalização da superação dessa crise estava no estudo da doutrina e da prática religiosa. Progressivamente o ensino religioso será desenvolvido por uma *Catequese renovada – orientações de conteúdos*.

Em suma, a história da catequese no Brasil esteve situada no contexto sócio-político do país, revelador da tensão constante em que a Igreja vivia, através de um estreito relacionamento com o Estado. Essa realidade foi determinante para a prática da catequese. Isto quer dizer: a história da catequese está agregada a muitos fatores da cultura e do desenvolvimento do país. Por isso a catequese, particularmente no Brasil, viveu várias tendências, seja na tentativa de tornar-se uma ciência fechada ou aberta para o mundo. Para cada etapa histórica uma nova postura fora tomada. Este marco caracteriza os momentos históricos e a ação catequética da Igreja. Não se deve negar que muitos foram os crescimentos, como também as perdas e o atraso, isto é, a catequese se desenvolveu entre altos e baixos. Esta obra, de Oscar Figueiredo Lustosa, ajudará catequistas, pastoralistas e estudiosos em geral conhecer o percurso histórico da



catequese no Brasil em profunda conexão com a cultura e a sociedade brasileira. Por isso, irá aprimorar a reflexão sobre a catequese hoje e fornecer pistas sólidas de como desenvolvê-la em meio à cultura hodierna.

NOTAS

* **Antonio Wardison C. Silva**, bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL. Licenciado em Filosofia. Especialista em Filosofia Existencial, Psicopedagogia e Catequese. Mestrando em Filosofia pela PUCSP.

Resenha enviada em 30/05/2011
Resenha aprovada em 10/06/2011